Psicologia em Foco
Jan-Dez 2016, Vol. 6, n. 1

# O ENVELHECIMENTO FEMININO: ALGUMAS ESPECIFICIDADES DE GÊNERO

*Maria Luísa Louro de Castro Valente*[1]
*Helena Rinaldi Rosa*[2]

**RESUMO:** Investigação sobre o envelhecimento feminino em suas particularidades que visa (1) entender como envelhecem as mulheres; (2) identificando suas expectativas, sentimentos e necessidades em relação ao cotidiano e em aos relacionamentos mais significativos. Desse modo, pretendemos subsidiar as discussões técnico-científicas sobre a temática da velhice feminina, de modo a favorecer a instalação de programas e políticas destinados a esta população. Abordaremos o tema sob a perspectiva da psicanálise e da obra de Simone de Beauvoir, que apresenta uma visão pessimista da velhice das mulheres. Discutindo outros autores, concluímos que se cada um - usando todos os recursos de que dispõe - constrói a sua velhice, as expectativas são mais otimistas para as mulheres que tendem, na atualidade, a envelhecer de forma mais saudável.

**Palavras-chave**: *Envelhecimento; Psicanálise; Mulheres Idosas.*

## FEMALE AGING: GENDER SPECIFICITIES

**ABSTRACT:** Investigation about female aging in its particularities that aims (1) to understand how women age; (2) identify their expectations, feelings and day to day needs and on the more significant relationships. Thus, we intend to subsidize technical-scientific discussions about female aging theme, in order to favor the setting of programs and policies for this population. We will discuss the theme under the perspective of psychoanalysis and on the work of Simone de Beauvoir, that introduces a pessimistic vision of female aging. Discussing other authors, we conclude that each one - using all the resources available - builds their aging, the expectations are more optimistic to women who tend, nowadays, to age in a more healthy way.

**Keywords:** *Aging; Psychoanalysis; Elderly Women.*

Num mundo em que, graças à melhoria da qualidade de vida e aos avanços da medicina, o número de velhos só aumenta, tanto nos países desenvolvidos como naqueles que se encontram em processo de desenvolvimento, é fundamental pensar e pesquisar sobre as condições de vida desta parcela da população, sobre os problemas vividos e sentidos, sobre os desejos e as necessidades. É também uma questão de gênero

[1] Doutora em Educação - UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis. Email: luisalourovalente@gmail.com
[2] Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Email:helenarr@osite.com.br

pois, se para os homens se perceber e aceitar estar velho é difícil, para as mulheres esta realidade é um processo que se instala e que vai tomando corpo em consonância com o biológico até que se concretiza por uma falta. Pode-se então dizer que este processo é um longo caminho, que tem patamares preparatórios. Envelhecer é um processo demorado, pois que ninguém acorda de repente e se percebe velho.

Segundo Kalache (2014), o mundo terá cerca de dois bilhões de idosos em 2050; este gerontologista brasileiro sugere, entre as receitas para se viver bem na velhice, há que se cuidar bem da saúde desde cedo, manter uma atividade intelectual e preservar o que chama de capital social, a arte de manter amigos, atividades e hobbies. Alerta, porém, para o descuido das autoridades com a terceira idade. Avisa que a parcela mais velha da sociedade brasileira vai saltar, nos próximos 35 anos, de 12% para 30% da população total, atingindo 64 milhões de pessoas acima dos 60 anos.

A medicina e a melhora da qualidade de vida permitiram um acréscimo de tempo de vida a mulheres que em décadas e séculos anteriores teriam morrido muito antes. Elas têm um percurso ligado ao sangue, de meninas quando o sangue ‘aparece’, este vem ‘dizer’ que estão prontas, que entram num período de pujante feminilidade, fazendo-se mulheres, com todas as características que a sexualidade feminina lhes atribui: sedução, beleza, possibilidades da gravidez e da maternidade, promessas de uma vida sexual plena. Se este panorama é aceito enquanto pacote fechado, logo a falta do sangue se coloca de modo mais ou menos impositivo; será que é gravidez, foi desejada, consentida, buscada, ou pelo contrário, ‘escapou’ e se apresentou sem ser buscada? Com a vivência deste percurso existencial, será mais uma vez o sangue, ou melhor dizendo, a sua falta definitiva, numa ausência que até então se fazia esporádica, que se concretizará e que vai apontar para mais outra fase da existência: a velhice.

Assim, o **objetivo** deste trabalho é estudar o envelhecimento feminino em suas particularidades e mais especificamente buscar entender como envelhecem as mulheres, identificando expectativas, sentimentos e necessidades das mulheres velhas em relação ao cotidiano e em relação aos relacionamentos mais significativos, subsidiando assim discussões técnico-científicas sobre a temática da velhice feminina de modo a favorecer a instalação de programas e políticas destinados a esta população. A definição de idoso é a da lei nº 10.741, mais conhecida como Estatuto do Idoso, que considera como idoso a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. É um critério puramente

biológico e, em alguns momentos, iremos nos referir a pessoas bem mais velhas, no entanto, nesses momentos a diferença será explicitada.

## ALGUMAS DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Parece ser fácil conceituar o que é velhice. Imagens nos ocorrem. Só que essas imagens são diferentes para cada pessoa a quem é solicitada essa definição; algo que parecia simples se torna complexo. Morin (1996) explica que algo é complexo quando indica dificuldades na sua explicação, pois não há uma resposta simples a ser buscada, nem um conceito chave, único, que consiga dar conta de responder.

Para definir velhice, recorremos a Beauvoir (1970/1990, p. 5):

> *É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como características da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer outra idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence. O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista. Sabe-se hoje que é abstrato considerar em separado os dados fisiológicos e os fatos psicológicos: eles se impõem mutuamente. Veremos que, na velhice, essa relação é particularmente evidente: ela é, por excelência, o domínio do psicossomático. Entretanto, o que chamamos a vida psíquica de um indivíduo só se pode compreender à luz de sua situação existencial; esta última tem, também, repercussões em seu organismo; e inversamente: a relação com o tempo é vivida diferenciadamente, segundo um maior ou menor grau de deterioração do corpo* (p.15).

Mercadante (2005, p. 24) entende a velhice como um "*fenômeno biológico e que é apontado como gerador de declínio irreversível, tanto físico quanto mental, do indivíduo como consequência da passagem do tempo*" (p.24), e aponta que se trata de um fenômeno multifacetado em que, aos fatores biológicos, somam-se suas diversas situações socioculturais e históricas constitutivas. E que a diversidade sociocultural aponta para a existência de uma pluralidade de formas de viver a vida, pelos que são denominados de velhos.

Os velhos reais a quem o conceito se aplica, têm também uma pluralidade de vivências e de modos de entenderem a velhice. Assim, os cronologistas destacam fatores cronológicos, os biologistas ressaltam fatores orgânicos, os culturalistas

enfatizam fatores culturais e os psicologistas apontam a formação subjetiva ou o desenvolvimento psicossocial da pessoa idosa.

Numa perspectiva ainda biológica, Veras (1994), que é médico, apresenta o conceito de velhice, afirmando que é um termo impreciso e de realidade difícil de perceber, pois, para ele,

> *Quando uma pessoa se torna velha? Aos 50, 60, 65 ou 70 anos? Nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social. Uma pessoa é tão velha quanto suas artérias, seu cérebro, seu coração, seu moral ou a sua situação civil? Ou é a maneira pela qual outras pessoas passam a encarar certas características que classifica as pessoas como velhas* (Veras, 1994, p.27).

Este autor caracteriza o ser velho como uma realidade multidimensional, pensando-a enquanto complexidade psicológica, social, cultural e fisiológica. Considera que é diferente ser velho na África ou nos Estados Unidos e mesmo no Brasil, é diferente, cultural, e economicamente falando, ser velho no norte/nordeste ou no sul e/ou no sudeste. A expectativa de vida, o lugar onde se vive, seja favela ou bairro de classe alta, com ou sem acesso à saúde ou a atendimento público em grandes cidades ou na zona rural, todos estes fatores influenciam o como se vive a velhice e o envelhecimento.

## A ANÁLISE DESCRITIVA HISTÓRICA

Beauvoir, autora do mais tradicional estudo sobre a velhice, pesquisou a sociedade francesa. Considera como fundamental para o entendimento da velhice, a diferença de classes sociais na sua vivência. Ela própria publicou seu estudo aos sessenta e dois anos de idade. Enfatizava que é bem diferente ser um velho que vive de aposentadoria, com uma pensão miserável, de ser um ricaço com acesso a todos os bens. Na diferenciação dessas velhices, a saúde e a família também diferenciam essas vivências.

Se no binômio juventude x velhice é valorizado o lado juventude, como uma mulher que envelhece encara as questões de um corpo que perde o vigor, a beleza e a elasticidade? Para Beauvoir (1970/1990), a "conspiração do silêncio" é uma denúncia que caracteriza o tratamento atual dado à velhice. A pesquisa realizada por Debert (2004) obteve dados de mulheres que, com setenta anos e até muito mais, não se consideravam velhas. Para elas a velhice era vista como um problema dos outros que se

comportavam como tal, mesmo com menos idade. O que é então a velhice feminina? E será que velha rica e velha pobre são iguais?

E o que dizer de deixar de ser dona do seu nariz ou, pelo contrário, começar a sê-lo, já que algumas mulheres só se tornam autônomas financeira e emocionalmente depois que perdem maridos e companheiros. Muitas, depois de se desesperarem, descobrem que pela primeira vez são responsáveis por uma conta bancária, pelo dinheiro da pensão, que não precisam mais dar satisfação a ninguém do que fazem, como o fazem, onde e com o que gastam. Esta liberdade pode também ser assustadora, sem esquecer que para muitas delas este momento é o fim de longas histórias de violência doméstica e é o momento de começarem a pensar em si mesmas como nunca haviam feito antes.

Dados do Ministério da Saúde de 2005 mostram um aumento na taxa de incidência de AIDS entre os idosos. Em 1993 era de 4,8% e em 2005 passou a ser de 8,1% na faixa etária de 60 a 69 anos, enquanto que na faixa dos 15 aos 19 anos representava 1,3%. A vivência da sexualidade sem prevenção também pegou desprevenidas muitas mulheres que acreditavam estarem protegidas pois depositavam confiança em seus parceiros, acreditando que eles não tinham relacionamentos extraconjugais. Pode-se dizer que esta é uma população que pertence a uma geração que não foi educada para a prevenção às doenças sexualmente transmitidas. As taxas de velhas que são vítimas de violência também sofreram elevação, tendo sidos os seus filhos os principais agressores, seguidos dos companheiros e cônjuges, vizinhos, noras e genros, dramas cujo panorama maior os números são incapazes de revelar, e que mostram famílias desestruturadas em seus valores e no modo como se organizaram para levar as suas vidas. O número de suicídios também aumentou entre os idosos revelando a incapacidade de aceitação da solidão, o desespero e o sofrimento em que vive parte desta parcela da população (Brasil, 2005).

Beauvoir (1970/1990) entende que a sociedade fecha os olhos para os escândalos, os abusos, os dramas que não abalam o seu equilíbrio, que não vê com particular atenção a situação da infância, dos delinquentes, dos deficientes e também dos velhos. Numa leitura de que aqueles que, de alguma forma, são diferentes e que apresentam necessidades especiais, tornam-se invisíveis socialmente. Ainda que esta publicação seja de 1970, retrate um outro viver social, que desde então muitas conquistas foram realizadas, que os direitos humanos e das minorias tenham alcançado

conquistas significativas, os velhos são uma 'espécie estranha' na qual os adultos produtivos não se reconhecem; ela diz que *"a velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós"* (Beauvoir 1970/1990 p.266). Uma repugnância biológica, segundo a autora, uma repugnância cultural é a nossa leitura, pois vivemos um tempo e uma sociedade em que o belo é o jovem, em que a busca pela eterna juventude se encontra nos potes de creme, nas tinturas e nos bisturis dos cirurgiões plásticos. Critérios sociais e como tal difundidos pela mídia.

A autora considera ainda que o que caracteriza a atitude prática do adulto para com os velhos é a duplicidade. Uma moral oficial que os obriga a respeitar os velhos, e tanto mais o farão quanto mais os julguem incapazes de tomarem conta de si próprios. A título de ilustração podemos observar o modo como os filhos tomam o lugar de seus pais quando de uma consulta médica por exemplo, em que apresentam e explicam sintomas sem que o seu velho/a seja escutado. E que são os adultos que impõem regras em relação ao vestuário, a uma decência de maneiras e a um respeito às aparências, aí compreendida a vida sexual dos velhos. Uma área que, para muitos, deve ser ignorada ou melhor dizendo, inexistente.

Os velhos podem ser objeto de lucro, podem ser explorados nas suas necessidades. A autora considera que *tanto na França quanto nos Estados Unidos* [ou no Brasil, acrescentamos nós], *multiplicam-se as casas de repouso, as clínicas, residências, e até mesmo cidades e aldeias, onde se faz as pessoas idosas que dispõem de meios pagarem o mais caro possível por conforto e por cuidados que frequentemente deixam muito a desejar* (Beauvoir, 1970/1990, p.269). Consideramos que há a necessidade do poder público se mobilizar e criar lugares em que os velhos possam ser atendidos, cuidados e onde possam receber um atendimento de acordo com as necessidades específicas que apresentam.

Num limiar de esperança que logo abandona, a autora relata que as crianças amam os seus avós e são ensinadas a respeitar os velhos, no entanto, acrescenta que a criança tende a rir desses mesmos velhos, num *bulling* da terceira idade.

Cabe às políticas sociais fornecer aposentadorias e pensões aos seus velhos. O estado fixa a idade e as condições em que o trabalhador tem direito a uma aposentadoria. Essa é a idade em que um indivíduo passa da categoria de ativo à de inativo. Em que momento ocorre esta mudança? A quanto montam os rendimentos a

serem pagos? E aqui, mais uma vez se instala um conflito de interesses. O que vale? Os interesses e as necessidades de quem trabalhou uma vida inteira e pagou valores mais ou menos significativos, ou os interesses de uma sociedade mais ou menos responsável ou perdulária que faz os seus velhos pagarem os desmandos de seus políticos? O que falar de nosso atual momento brasileiro em que as pensões por morte foram reduzidas à metade do que o aposentado recebia quando vivo? Joga à indigência ou à miserabilidade velhos, mas a maior parte é de velhas, em seus momentos de maior fragilidade.

A autora acrescenta exemplos e pesquisas realizadas em países escandinavos que provam que a inatividade imposta aos velhos não é uma fatalidade natural, mas a consequência de uma opção social. Considera que se o aposentado recebesse uma pensão confortável ele poderia realizar tarefas mais leves que não o sobrecarregassem, que a sociedade deveria se sentir bem em conceder, o mais cedo possível, o direito ao descanso. Esta não é a realidade. Pois longe de descansar, muitos velhos são frequentemente obrigados a aceitar trabalhos mal remunerados, penosos e, muitos, mesmo nestas situações terríveis são responsáveis pela única fonte de proventos em seus lares. Levanta, no entanto, outra questão, quem paga a aposentadoria dos trabalhadores? Sem falar na solidão, na miséria, no descaso a que os velhos se encontram submetidos. Nas palavras da autora, *próximos do estado de fome* (Beauvoir, 1970/1990, p.297) encontram-se 10% dos homens e 19% das mulheres. Muitos morrem de fome a cada ano e a cada inverno a mídia relata, principalmente na Europa, casos de velhos mortos de frio.

Considera, então, que a serenidade das mulheres idosas nada mais era que a perpetuação de um estereótipo, a mera continuação da submissão da mulher, sem nenhuma autenticidade, que a tragédia da velhice é a radical condenação de todo um sistema de vida mutilador: um sistema que não fornece à imensa maioria das pessoas que dele fazem parte, uma razão de viver. A visão de Beauvoir é, portanto, uma visão pessimista.

## SER MULHER E VELHA

Mulheres vivem mais tempo que os homens e um maior número delas são viúvas. Para Ariés (1981) as mulheres são atrizes diferenciadas na história social da humanidade, e se foram no passado encaradas como o meio necessário à transmissão dos valores, da herança e da linhagem, passaram, na contemporaneidade, a serem

encaradas como iguais em direitos e deveres, estatuto este que é independente do estado civil.

Para estudar as mulheres considero necessária, essencial mesmo, a pesquisa no material produzido por elas. Muito mais do que uma atitude sexista há, nesta atitude, a busca pelo olhar sensível e atento a uma realidade que nos é própria, além da urgente divulgação de pesquisas e de outros materiais de interesse do feminino, que buscam visibilidade social e redefinirem-se a si mesmas.

Estudar o tema mulheres é, somente há pouco tempo, um objeto legítimo de pesquisa. Constância Lima Duarte, mulher, pesquisadora e participante do grupo de trabalho *A mulher na literatura*, no âmbito da Anpol, numa citação apresentada por Brandão e Muzart (2003) escreveu no boletim nº 8 (p.15) que: *"Até recentemente - é fato conhecido - o estudo de questões relativas à mulher ...não era considerado um objeto legítimo de pesquisa. A consolidação de trabalhos dessa natureza nos meios acadêmicos brasileiros data de poucos anos".*

Um importante trabalho sobre o tema das mulheres foi apresentado por Virginia Woolf (1928/2014): defendeu que, para poder existir com relativa tranquilidade, sem precisar se submeter à autoridade patriarcal, fosse ela de pais, maridos ou filhos, as mulheres precisavam contar com um espaço só seu. Um quarto, uma sala, um estúdio, o que fosse, mas um lugar em que pudessem pensar, criar, refletir, produzir, elaborar as suas ideias, sem serem distraídas, destratadas, alheadas do que realmente lhes importava, sem dispor de recursos próprios que garantissem a sua subsistência, o seu vestuário, a alimentação, prazeres por menores que fossem. Para ela, ser mulher escritora era também sinônimo de ser punida pelo fato de o ser, de fazer o sacrifício pela escrita realizada, num tempo em que o direito ao voto, a reivindicação mais almejada pelas feministas, já havia sido conquistado, no início do século XX. Grandes conquistas ocorreram no mundo feminino durante estes cem anos, mas será que as suas palavras, o seu pensamento e as considerações apresentadas se fizeram supérfluas? Ser mulher é sofrer discriminação, mas ser mulher velha é pertencer ainda a outra categoria: é ser ainda mais discriminada, pois se na atual sociedade ser feliz é sinônimo de ser jovem e bonita, envelhecer não é permitido e ser mulher velha é ser olhada com restrições e preconceitos.

Lucinda Riley (2014, p. 11) ficcionista inglesa, descreve com alguma ironia o ser mulher velha. Nas suas palavras,

> *se eu fosse uma mobília, uma cadeira elegante, por exemplo, seria rotulada como antiguidade. Seria polida, restaurada e orgulhosamente colocada em exibição como um objeto de beleza. Infelizmente, esse não é o caso de meu corpo, que não envelheceu como uma bela peça de mogno. Em vez disso, meu corpo se deteriorou como um flácido saco de juta comportando um conjunto de ossos.*

Na continuidade de sua história constrói uma narrativa de intensa beleza e bastante sofrimento que substanciam uma vida recheada de dignidade e busca pelo que dá sentido a uma vida, que afinal foi muito bem vivida, muito mais do que se fosse uma bela peça de mogno polido porque repleta de sentimentos, de alegrias e da satisfação de ver seus filhos e netos.

Marracini (2001) trabalhou com grupos de encontro femininos, de caráter terapêutico, com uma população de mulheres na faixa etária dos 40 aos 55 anos. "*Destes encontros foi destacado o fato de que participar era uma chance de criar novas amizades, já que a maioria se sentia solitária e "não tinha com quem partilhar as vivências atuais, pontilhadas de angústia, medo e insegurança*" (p.47). Fazer um balanço do realizado até então, saber o que fazer do tempo que resta, o que vai ser daqui para a frente, são preocupações comuns às mulheres, num processo de eterno retorno.

Para as mulheres, o compartilhar com outras, principalmente com as amigas, é fator de tranquilidade e sanidade mental. Sentirem-se reconhecidas, acolhidas, saberem que as outras passam ou passaram pelas mesmas etapas, questões de saúde partilhadas, saber do relacionamento afetivo que deu certo, ou que foi frustrante, que se retoma, que se lamenta... Os filhos e as dificuldades encontradas na sua criação, o relacionamento com os pais velhos e muitas vezes doentes, são temas, preocupações comuns a todas e que na partilha são vividos com maior serenidade.

Marracini (2001) trabalhou com mulheres numa faixa etária ainda jovem, mulheres dos 40 aos 55 anos, que ainda não pode ser considerada como velhice. Burocraticamente velhice se inicia aos 60 anos. Esta divisão também nos permite considerar a questão: velhice ou terceira idade?

O termo terceira idade, segundo Debert (2007), é uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Considera que

> *a sua invenção implica a criação de uma nova etapa na vida que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados, encarregados de definir e atender as necessidades dessa população que, a partir dos anos 70 deste século, em boa parte das sociedades*

> *européias e americanas, passaria a ser caracterizada como vítima da marginalização e da solidão* (p.53).

Nesse sentido e embora aparente ser uma forma mais delicada e gentil de se referir aos velhos, pode ser considerada uma expressão que nada mais é do que uma forma de 'jogar prá debaixo do tapete' mais uma vez a realidade. Pois que considera este período como mais uma etapa do desenvolvimento, que se interpõe entre a idade adulta e a velhice, propriamente dita. A autora, antropóloga, realiza extensa pesquisa em que discute método e levanta questões acadêmicas de extrema relevância para essa investigação, inclusive sobre o tema. Refletindo sobre este tema, Elias (2001, p. 80) deixa claro que

> *a identificação com os que estão envelhecendo e com os que estão morrendo está cheia de compreensíveis dificuldades para os que estão em outros grupos de idades. .... As pessoas resistem por todos os meios à ideia de sua própria velhice e de sua própria morte. Essa resistência é um processo de repressão.... é provavelmente mais pronunciada nas sociedades mais desenvolvidas do que nas menos*.

A dificuldade de encararmos nossa própria decrepitude e a finitude explicam o pequeno número de trabalhos e apontam para o fato de que *jamais anteriormente morreram tantas pessoas de uma maneira tão pouco ruidosa e tão higiênica como hoje em dia, em condições que tenham fomentado tanto a solidão* (Debert, 2004, p.235). A solidão parece ser, assim, um dos mais presentes e constantes sentimentos vividos por aqueles que envelhecem. Debert conclui que o avanço da geração a que pertencemos, em cada uma das etapas de nossas vidas, corresponde à divulgação de imagens que mostram que estas etapas podem ser vividas de maneiras inteiramente inovadoras, uma vez que esta foi inteiramente a primeira geração massivamente exposta à televisão e à cultura de consumo.

> *Uma poderosa cultura jovem, formadora de gostos e novos estilos de vida, antecedeu a transição desta corte geracional para a vida adulta; transição essa que foi prorrogada em uma fase de educação superior e ativismo político de oposição, com os movimentos de contracultura, o feminismo etc. (...) esta população é a que tem, provavelmente, a maior disponibilidade de renda, é a maior produtora, consumidora e divulgadora das tecnologias de rejuvenescimento, do processo de reprivatização da velhice, da transformação do prolongamento da vida humana em uma ameaça à reprodução da vida social* (p.240-241).

Compara esta ideia de velhice privilegiada com aquela apresentada por Elias (2001), a de que existe forte resistência a considerar o próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível. Uma resistência que se encontra mais evidente nas sociedades desenvolvidas.

Goldenberg (2013b, p. 74) constatou em seus estudos sobre a velhice que *"os homens, quando envelhecem, parecem querer continuar vivendo intensamente cada momento de suas vidas, enquanto as mulheres descobrem tardiamente a liberdade e a importância de colocar o foco em si e, portanto, valorizam o momento presente"*. Nomeia esse momento, o da descoberta da liberdade, como um momento *"que determina uma verdadeira revolução nas vidas femininas: elas deixam de se concentrar no cuidado dos outros e passam a cuidar mais de si mesmas. O presente se torna muito melhor do que o passado, pois se sentem livres, pela primeira vez na vida"* (p. 74). E essa liberdade deve-se ao fato de a maioria das mulheres relatarem que aprenderam a dizer não.

Nessa possibilidade de falar e pensar não está compreendida uma relação diferente com o corpo. Numa sociedade em que a mulher se priva de inúmeras coisas porque se sente feia, ou gorda, ou feia porque está mais gordinha, é a possibilidade de dizer não, de entender o que realmente lhes importa: o prazer, a felicidade e a liberdade.

Este retrato cruel, paradoxalmente, é muito mais revelador do sentimento de mulheres mais novas. Segundo Goldenberg (2013a), as mulheres de quarenta, cinquenta anos falaram, principalmente, da decadência do corpo e da falta de homens. Já as mais velhas revelam mais aspectos positivos. Passam a fazer coisas que sempre desejaram, coisas como, viajar, namorar, estudar, pintar, dançar e, o mais importante, deixaram de se preocupar com a opinião dos outros e passaram a priorizar os próprios desejos. A pesquisadora relata também que os mesmos temas pesquisados na população alemã, lugar onde aplicou alguns de seus questionários, obteve resultados bem diferentes. Lá, aos sessenta anos, as mulheres se sentem no auge da vida, estão entusiasmadas com projetos pessoais e profissionais, com viagens e programas culturais.

Para a autora, no Brasil, o corpo é um capital e a crença de que o corpo jovem, magro e perfeito é uma riqueza produz uma cultura de enorme investimento na forma física e, também, de profunda insatisfação com a própria aparência. Assume que quase 100% das mulheres brasileiras se sentem infelizes com o seu corpo. Mas, numa cultura em que a família é fundamental e importantíssima, em que casar e ter filhos ainda faz

parte do desejo da maioria das mulheres de todas as classes sociais, descobriu que, para as mulheres mais velhas, muito mais importante que a aparência pessoal e o marido, é a liberdade que adquiriram com a maturidade. Passaram a exibir o corpo sem medo do que os outros possam pensar, sem vergonha das suas imperfeições e sem procurarem a aprovação masculina. Aprenderam que a felicidade pode estar na risada com as amigas, na saúde obtida numa alimentação saudável, em caminhar na praia. Cuidam de si mesmas com carinho, o mesmo carinho que dedicaram ao marido, à casa, aos filhos, à família. Não cobram o investimento que fizeram no passado, vivem um presente animado e sem precisarem provar nada para ninguém. Certamente que estes resultados estão de acordo com o que Woolf (1928/2014) postulou: para poder ser feliz, autônoma, a mulher precisa poder ser independente, ter um lugar onde possa pensar, dormir, ler, existir enfim... sem cobranças, sem regras que não as que criou para si e para o seu existir.

O caminho possível para *uma bela velhice* está diretamente ligado a um projeto de vida. Olhando as mulheres, sem invadir os seus espaços pois que são figuras públicas, podemos considerar Rita Lee, Fernanda Montenegro, Adélia Prado, como retratos de mulheres velhas sem considerar que o retrato é negativo. São mulheres sem idade. Inventaram para si lugares especiais neste mundo, continuam, talvez que em outro ritmo, mas continuam, cantando, dançando, produzindo e atuando. Não se aposentaram da vida nem de si mesmas, recusaram as regras que obrigam os velhos/velhas a se comportarem como um/uma. Não se tornaram doentes, infelizes, deprimidas por serem velhas. Rejeitaram estereótipos de velhice, como rejeitaram tantos outros estereótipos ao longo de seu percurso de vida, criaram novos projetos, novas possibilidades de existência, continuam apaixonadas pela Vida.

Fernanda Montenegro recita Simone de Beauvoir numa publicação de 12 de março de 2012, são palavras que transcrevemos a seguir e que segundo a atriz, falam muito melhor do ela poderia fazer. Uma atitude que compartilhamos, humildemente, pois que é o resumo do que temos vindo a escrever.

> *A impressão que eu tenho é de não ter envelhecido, embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável. Provisoriamente. O tempo parou para mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra. Como também não ignoro que é o meu passado que define as aberturas para o meu futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar, portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo.*

> *Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar, da maneira mais direta, o sabor da minha vida. Unicamente o sabor da minha vida. Acho que consegui fazê-lo. Vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei, nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.*

**SAÚDE FISICA E MENTAL**

Para Beauvoir (1949/1975, p.276) *a história da mulher – enquanto a compreendemos nas suas funções de mulher – depende ainda mais que a do homem do seu destino fisiológico; e a linha deste destino é mais adversa, mais descontínua que a linha masculina*. Considera que cada período da vida feminina é parado e monótono, mas cada passagem de um a outro é de um perigo brutal, que se caracteriza por crises bem mais decisivas que no sexo masculino, considerando como crises, a puberdade, a iniciação sexual e a menopausa.

Pode-se considerar que, para a mulher que estudamos, a que envelhece, a menopausa é o evento marcante deste período. Para algumas é um processo natural, para outras é atingida por meio cirúrgico, através da histerectomia que é a remoção do útero. Referindo-se a este período, Beauvoir (1949/1975) considera que, ao envelhecer, a mulher é bruscamente despojada da sua feminilidade, que ainda jovem perde a atração erótica e a fecundidade. Fecundidade da qual ela retira, aos seus olhos e aos da sociedade, a justificativa para a sua existência e as suas chances de felicidade, sendo que a sua falta lhe aponta para uma existência sem futuro.

Segundo Marraccini (2001), a menopausa ocorre em torno dos cinquenta anos de idade, mas o declínio da função ovariana inicia-se cerca de 10 anos antes, a partir de quando a mulher pode apresentar os sintomas que compõem a síndrome climatérica, tanto de ordem física quanto de cunho psicológico. Beauvoir (1949/1975) considera que, antes desta mutilação definitiva, a mulher é dominada pelo horror do envelhecimento, ainda que é pouco tempo antes da ocorrência da menopausa que a mulher consegue driblar as suas inibições e alcançar o seu desenvolvimento erótico diferentemente do homem maduro, mais engajado em outras áreas e com sua sexualidade menos ardorosa.

Embora algum tempo nos separe da época em que a autora escreveu este livro, podemos perceber uma ampla gama de valores que se alteraram bastante. Senão vejamos, ela considera que a mulher sabe ser necessário agradar, que necessita da

mediação masculina para existir, que é dele que emana o poder. O que será dela quando não tiver mais poder sobre ele? Um poder que lhe é dado pela sua juventude, pela sua beleza e pela sua fecundidade. É nesse momento que ela busca a beleza nas cirurgias plásticas, nas tintas, nos *peelings* e em muitos outros recursos da estética. Recursos que não darão conta de prolongar uma juventude que agoniza e que ao encarar que esse é um processo irreversível, sente-se traída e, muitas vezes, entra em depressão.

Para Beauvoir (1949/1975, p. 278), ao se perceber nesta fase da vida, a mulher se desespera, mas se adapta. Pensar que existe apenas uma vida para viver pode ser o mote, o ensejo que leva as mulheres a se encararem a si mesmas. Umas, aceitam e se 'encolhem', outras, *buscam viver tudo o que ainda não haviam podido fazer e adotam condutas adolescentes no limiar de um futuro que ainda lhes é inacessível, recusando a finitude, opondo à pobreza da sua existência a riqueza nebulosa da sua personalidade*.

Os escritores mais velhos nem sempre escrevem sobre a maior de todas as aventuras: envelhecer. Este é um tema que aprisiona, apavora e fascina: autoras no limiar da meia idade, o que reforça a ideia do envelhecimento como fenômeno externo, identificável por aqueles que dele não participam.

## UMA LEITURA SEGUNDO A PSICANÁLISE

Envelhecer significa ter passado por muitas mudanças, ter convivido com um mundo que se transformou, e o nosso mundo no século XX mudou bastante, viveu duas guerras maiores que foram chamadas de mundiais, e muitas outras em vários lugares. Para o ser humano a mudança é fundamental. É fator de sanidade, não a mudança em si, mas a possibilidade de conviver com o que muda, ressignificá-lo e se adaptar.

Para poder conseguir alcançar este objetivo do humano, torna-se necessária a preservação da criatividade, da curiosidade, da capacidade de se deixar atingir pelos acontecimentos e de continuar a se surpreender, de desenvolver capacidade de resiliência. Ser velho, neste sentido, significa ter desenvolvido a capacidade de se tornar periférico, de deixar de ser central, de se reconhecer apenas como mais uma peça na engrenagem da sociedade humana. Não se tem mais questões relacionadas à identidade. Sabe-se claramente quem se é, não se necessita de provar o lugar que se ocupa na sociedade. Ser um adulto maduro é, no dizer de Dias (2003, p. 295) *um ser capaz de objetividade sem perder o contato com a riqueza do mundo subjetivo: pode fazer concessões sem se sentir roubado na sua espontaneidade.*

Ser velho é poder se aceitar imperfeito, falho, impotente. Winnicott (1964/1999, p. 147) considera que as pessoas *"têm de aceitar o que são e aceitar a história de seu amadurecimento pessoal, juntamente com as influências e atitudes ambientais locais; elas têm de continuar vivas, e vivendo, tentar se relacionar com a sociedade de modo a haver a contribuição nos dois sentidos"*.

Mas deve-se convir que esta é uma aceitação que muitas vezes nos deprime. Uma depressão que não é necessariamente patológica, ela diz respeito a quem realmente consegue ver a realidade, que mostra responsabilidade e ressalta por isso o valor que adquiriu. É uma emoção ligada à vida e à maturidade.

Ser velho é poder se perceber desacelerando, redistribuindo o tempo em novos afazeres, é continuar aprendendo, não mais ligado ao universo do trabalho e sim às possibilidades internas. Para os homens mais acostumados a produzir, o afastamento que a aposentadoria traz pode se revelar como um castigo, uma inadequação, um tornar-se menor, mas, no caso das mulheres, pode ser mais fácil. Habitualmente mais ligadas ao mundo do lar e do mundo interno, muitas, nessa fase, ainda estão fazendo pequenos serviços domésticos, preparando refeições, fazendo compras, saindo, viajando, fazendo ginástica, indo ao cinema... experimentando um fazer e uma liberdade únicas. Este panorama não pretende, no entanto, negar as perdas, as faltas, os lutos, os incômodos experimentados pelas mulheres.

Gould (2007), ao falar sobre o envelhecimento ressalta que este é um processo de crescimento, que exige determinação e concentração. Uma autora que nega, portanto, o processo de envelhecimento enquanto processo evolutivo biológico e, disserta sobre as tarefas que cabem a Psique em seu processo de crescimento e nas tarefas que lhe são exigidas para alcançar esse crescimento. Ela coloca que

> *nenhuma piedade é permitida quando se está numa prova, nenhuma ajuda, nenhum sentimento de companheirismo pelas velhas cujas fileiras ela integrará um dia, nem mesmo respeito pelos mortos: armadilhas de Vênus, cada uma delas, destinadas a fazer com que ela esqueça seu propósito e se perca em respostas irrefletidas aos pedidos, que por sua vez estabelecerão relacionamentos dos quais depende a fertilidade do mundo (que é ocupação de Vênus). Se ela oferecer ajuda por um minuto, ficará aprisionada em sua natureza feminina e perderá de vista sua própria intenção. Além disso, ajuda por apenas um minuto é impossível. Obsequiosidade traz em sua esteira intimidade e expectativa. Aqueles laços de intimidade, aquelas redes que unem pessoas com algo em comum que tanto exaltamos, também são correntes* (Gould, 2007, p.287).

Para a autora, cabe à mulher velha cuidar de si mesma, sem distrações, cumprir o rito que lhe irá permitir se tornar sábia, aproximar-se da morte sem medo. Um percurso duro, difícil. Ressalta que é neste momento evolutivo, o da velhice e, pela primeira vez desde a infância, que uma mulher está livre para fazer escolhas sem sofrer constrangimentos, seja por parte da biologia ou da ambição. É este o momento em que a mulher deve decidir o que quer fazer, o que significa que tem de descobrir quem ela é, não em termos de relacionamentos ou de categorias de trabalho, mas em si mesma, e do que ela é capaz. Um novo trabalho, um novo romance, o cuidado no voluntariado, poder se tornar uma professora de inglês, aprender uma nova língua, visitar asilos ou presídios, escrever um romance... A idade tem suas vantagens, uma mulher velha não tem muito a perder e ninguém a culpará se não for um sucesso. Mas ela saberá o que fez e porque o fez. Podemos dizer que a mulher que se libertou da sujeição feminina pela idade não pode mais viver através de outros, ou justificar a própria existência pelos serviços sexuais ou domésticos que presta. Deve examinar o panorama que a rodeia e decidir o que vai fazer para nele viver. No início pode tentar viver do mesmo modo que até então, voltar à vida antiga e recuperar alguma coisa do que nela investiu.

Podemos, por outro lado, considerar que a crise vivida nesta fase é determinada pela estrutura psicológica da mulher, pelos conflitos infantis e por tudo o que alcançou e/ou pelo que fracassou em sua vida biológica. As mudanças biológicas estimulam, na mulher, processos psicológicos capazes de levá-la, se em condições favoráveis, a um melhor domínio das dificuldades da vida e a uma adaptação progressiva. As condições do climatério são semelhantes às da pré menstruação, e uma mulher que tenha tido uma maternidade bem realizada e gratificação sexual adequada, por estas razões, já não sofre sintomas regressivos durante o período chamado de TPM (tensão pré-menstrual), chegando assim à menopausa sem viver os transtornos físicos e psicológicos. A reação de cada mulher às vicissitudes do climatério está de acordo com a sua história individual e daquela que essa mesma sociedade lhe atribuiu enquanto mulher madura.

Arendt (1987) termina seu artigo sobre Karen Blixen considerando que a sabedoria é uma virtude da velhice, e parece vir apenas para os que, quando jovens, não eram nem sábios nem prudentes. Para Arendt, a velhice é o tempo da meditação em que as faculdades mentais estão em harmonia. O juízo, o pensamento e o caráter se combinam para produzir grandes feitos.

O material encontrado em Beauvoir (1970/1990) teve como propósito denunciar a conspiração do silêncio e revelar ao mundo como a sociedade trata os velhos. E os trata muito mal, pois ela nos revela que eles são ignorados, desprezados, humilhados, estigmatizados, abandonados, num panorama cruel. As outras autoras pesquisadas apresentam perspectivas mais alentadoras: buscam, cada uma a seu modo e na sua área de especialização, apresentar possibilidades de viver este processo de modo mais enriquecedor. Mas Beauvoir (1949/1975) defende que só existe uma saída para as mulheres: elas deveriam recusar os limites que lhes são impostos e procurar abrir para si e para as outras mulheres os caminhos da libertação. Viver momentos em que, livres de maridos e filhos, elas possam se ocupar de si mesmas.

Gould (2007, p. 303) exprime de modo poético esta vivência:

> *meu espírito se desprende de meu corpo, não sem dor e perda, mas, à medida que se separa e se torna mais forte em proporção à fraqueza do corpo, meu ardor pelo espetáculo terreno aumenta. Eu me tornei periférica à minha família, em vez de central. Não sou mais útil para o mundo de nenhuma maneira evidente – não sou atraente, tampouco, uma vez que não sou mais destinada a atrair -, o que significa que estou livre para fazer a única pergunta que vale a pena perguntar: Como posso continuar a viver depois que me der conta de que vou morrer?*

Pode-se dizer que este também é um modo de entender o envelhecimento e a velhice com extrema lucidez, uma lucidez que experimentamos somente por alguns momentos, mas, quando se alcança este estado de liberdade, ser velha pode se tornar um fardo mais leve. Cada indivíduo, cada mulher, vai envelhecer de acordo consigo mesma, pois ser velha é a continuidade existencial da criança que se foi e do adulto em que se transformou.

## A FAMÍLIA E VELHICE

A família permanece sendo a única forma de comunidade em que a intimidade se faz possível, é a ‘casa’, o ‘porto seguro’. É dentro da família que cada um deseja receber atenção, respeito e o reconhecimento da sua personalidade, assim, a família torna-se uma esfera de existência, local exclusivo onde se pode exprimir a emoção e se agregar aos outros, onde mais facilmente se pode relaxar em conjunto e se desfruta a sensação de pertencer. Representa ainda o lugar onde se pode refazer das humilhações sofridas no mundo externo, expandir a agressividade reprimida, exercitar o autocontrole, repreender e vencer o outro.

Lasch (1977/1991) inicia seu trabalho com a frase: *"à medida que os negócios, a política e a diplomacia se tornam mais selvagens e belicosos, o homem busca refúgio na vida privada, nas relações pessoais e sobretudo na família – o último reduto de amor e de decência"* (p.19). Dedica todo o seu pensamento a uma análise exaustiva sobre a evolução social e política do mundo ocidental nos últimos dois séculos refletindo sobre o papel da família, na sua responsabilidade na instalação de hábitos e nos papeis sociais masculinos e femininos bem como na importância dessa família no desenvolvimento dos indivíduos. Termina o seu estudo alertando para o controle exercido pelo Estado, controle que não se concretiza apenas sobre os corpos e na esfera pública, mas também na privada.

O Estado se encarrega da normatização dos indivíduos por meio de vários controles sociais, podemos pensar no que é atualmente normatizado para as escolas, através dos currículos mínimos, do que é preconizado nos vários programas da saúde para as gestantes, as várias DSTs, a tuberculose, etc... Os programas para os conselhos tutelares normatizando adolescentes. A crescente e continuada pressão que é feita sobre as famílias no sentido de as desautorizar, tem, no caso dos velhos, ainda uma presença menor. Pode-se pensar que o Estado esqueceu desta parcela da população e de acionar os mecanismos de controle sobre as famílias dos idosos.

O artigo 3º do estatuto do idoso diz que *é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.*

Mas que políticas públicas para o idoso têm sido efetivadas? Além da obrigatoriedade de vagas para idosos nos vários locais em que os mesmos poderão estacionar seus veículos, espaços pintados no chão de supermercados e nas ruas, espaços destinados a eles nos transportes públicos, na isenção ou redução de taxas nesses transportes. São as famílias as responsáveis por cuidar dessas pessoas.

As políticas públicas destinadas a uma melhoria das condições de vida dos idosos, seja na saúde, com a criação de programas destinados aos velhos, seja na assistência social, com a criação ou consolidação de espaços destinados a esta população, têm sido tímidas, se é que existem. Nas universidades temos visto a criação de UNATIs como espaços de convivência da terceira idade, oferecem diversos cursos,

estimulam aprendizagens, mas o que é mais valorizado pelos usuários é a possibilidade de encontros e convivência com outros iguais. Fica por conta da iniciativa privada a realização do atendimento a esta parcela da população. Programas de complementação de aposentadorias feitos pelas instituições bancárias, programas de prevenção a várias doenças, cuidados paliativos e programas de home care, feitos pelos planos de saúde particulares. Casas de saúde ou de repouso, nomes pomposos para os velhos asilos, também propostos pela iniciativa privada.

E o governo brasileiro nos informa que a obrigação pelo cuidado dos idosos é da família. Mas de que família se fala? Num mundo em que a velocidade é cada vez maior, em que as mudanças acontecem constantemente, com tecnologias interconectadas e que se ampliam em ritmo exponencial, internet nos celulares e nos tablets, e estes aparelhos nas mãos de crianças cada vez mais novas, quais são os valores que permeiam as famílias? Que aprendizagens são realizadas pelos indivíduos nas suas vidas que os subsidiam a fazer escolhas e a tomar decisões em relação aos idosos nas suas comunidades? E a própria configuração de família se modifica muito rapidamente, casamentos, separações, rearranjos conjugais, filhos, enteados, meio irmãos, madrasta, padrasto, avôs, avós, tios, tias.... É um enorme conjunto de parentesco que muitas vezes é difícil nomear.

Como os velhos se encaixam nestes novos esquemas de famílias? Precisamos inicialmente considerar como estes velhos, melhor ainda, como estas velhas senhoras se conectam com as suas famílias. Muitas delas ainda cuidam de seus pais, sentem-se cansadas porque precisam ainda encarar o mundo do trabalho. Algumas continuam casadas, mas muitas outras estão separadas de seus maridos e/ou companheiros e algumas, viúvas, e este é um estado civil que traz considerações próprias. Para muitas, é a solidão que se impõe.

Pincus (1989) apresenta uma importante compreensão acerca do estado de viuvez, estado que, com o avanço da expectativa de vida da população, tem se tornado cada vez mais frequente. Para a autora, não há igualdade entre os sexos quanto a esse assunto, pois os homens morrem mais jovens e, quando viúvos, voltam a se casar mais rapidamente. Para a população masculina, a aposentadoria seria mais dolorosa que a viuvez.

Kovács (1982) também aborda a questão da viuvez e acrescenta que as pessoas que se encontram nesse estado muitas vezes precisam aprender novas habilidades para

suprir a perda do companheiro. E que há de se fazer uma escolha entre permanecer só e buscar um companheiro porque há que dar continuidade à vida. No entanto, Pincus (1989) considera que a geração mais jovem não aceita com facilidade que as mulheres mais idosas se envolvam amorosamente e estas acabam sofrendo mais com este tipo de tensão geracional, implicando em restrições familiares para novas relações afetivas. Mas, tal como já comentamos, para as mulheres, a sua rede de amizades é um recurso extremamente importante e durante toda a sua vida, da infância à velhice, elas não abrem mão da presença e da ajuda deste grupo.

A população está envelhecendo. Em 2007, 40,8% das famílias unipessoais eram formadas por pessoas de sessenta anos ou mais. O número de casais sem filhos também vem aumentando. Em 2008 e segundo a síntese de indicadores sociais (IBGE), a escolaridade feminina é maior, principalmente no Norte e Nordeste do país, e as mulheres se destacam como referência da família. A proporção de mulheres com ensino superior aumentou chegando a quase 60%. Ainda, em 53% dos domicílios com idosos, sua renda representava mais da metade do total da renda familiar, indicando que os idosos tendem a continuar cooperando com seus filhos e netos. Os pais, numa 'ordem natural no ciclo de vida familiar', devem cuidar de seus filhos, no entanto, quando os pais começam a precisar serem cuidados por esses filhos, começa um processo que envolve três gerações e que implica em alterações de todo o sistema familiar.

Todas as alterações e transformações existentes na família atual, a diminuição do número de filhos e o aumento da longevidade, podem formar uma grande população idosa, que só vem aumentando e que começa a mostrar uma grande participação na vida ativa, a exigir direitos. As necessidades vividas nas diferentes etapas do ciclo da vida familiar também se diferenciam. Anteriormente, quando convivíamos em famílias alargadas, os velhos continuavam nas casas em que criaram os filhos que, mesmo casados e tendo constituído novas unidades e tido seus próprios filhos, continuavam por perto, moravam no mesmo terreno, na mesma rua, no mesmo bairro. Com a diminuição do tamanho das casas, das famílias, e a jornada de trabalho completa da mulher, os velhos e com necessidades de cuidados especiais devidos a problemas de saúde, se tornaram um peso, um fardo, trazendo um conflito nas relações.

Em nosso modo de vida atual, quando os pais necessitam de serem cuidados pelos filhos, por vezes, vemos que existe um 'revezamento' entre os filhos que se dispõem a tal, retirando aos velhos pais a possibilidade de se sentirem seguros,

acolhidos nas suas coisas, nos seus lares, nos hábitos criados, nas amizades de toda uma vida, enfim, por tudo aquilo que constituiu a sua realidade de suas vidas adultas. Sabemos que a moradia deve ser mantida para resguardar a segurança e a estabilidade do idoso. Poder se manter participando da sua rede social diminui o estresse e possibilita a manutenção de seus papeis habituais.

Mas padrões interacionais não se transformam, por maior que seja a boa vontade de alguns filhos, nem por decretos que normatizem as condições de assistência, cuidados e afetos a serem dispensados aos idosos e que são, segundo o Estatuto, responsabilidade de suas famílias. Esta é uma realidade que ainda não se apresenta para toda a população que necessita do atendimento de políticas específicas. Um panorama que poderá ser um alento quando estendido a todo o país e se transformar em realidade. Apesar da boa vontade e correção social presentes na legislação, o que se descortina neste momento em que a realidade social, econômica e cultural se transforma, e em que convivemos com índices negativos, é que o governo lava as mãos nos cuidados com esta população.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este trabalho, podemos perceber que a população ativa vem crescendo em índices menores e que existe um envelhecimento da mesma. E a população que mais cresce é a idosa. Uma parcela considerável que consome cada vez mais bens e serviços, lazer e medicamentos. Uma população que, pelo seu envelhecimento, depende cada vez mais da assistência médica e se torna usuária de cuidados cada vez mais caros e constantes. Cuidados envolvendo tecnologias de ponta que se caracterizam pelo seu alto custo. Dispomos de uma maior longevidade mas necessitamos de uma melhor qualidade de vida.

A previdência social brasileira, que depende das contribuições feitas pelos indivíduos que se encontram no mercado de trabalho, tem sido sistematicamente dilapidada, seus ativos usados para outros fins, desta forma e conjugando com o aumento do número de idosos, será que essa previdência não será imprevidente e suportará a carga das aposentadorias num futuro mais ou menos próximo? Nesse momento em que encerramos o trabalho, encontra-se para apreciação do Congresso propostas destinadas a reduzir o déficit público. Nesse pacote de ajuste fiscal existe uma proposta que determina que as pensões recebidas por morte sejam reduzidas à metade

do auferido pelos pensionistas. Esta proposta, se aprovada, e aplicada a uma grande parcela de mulheres que foram donas de casa durante todas as suas vidas, vai jogá-las, quando da viuvez, em estado de grande penúria, já que o valor das aposentadorias é muito baixo.

Concomitante ao aumento da parcela da população idosa não se verifica um aumento de profissionais destinados a este setor, bem como de serviços públicos que deem conta de atendê-la. Acessibilidade também precisa ser repensada e melhor estruturada. Serviços de saúde em que cuidados paliativos sejam disponibilizados no caso de doenças graves com perspectivas de irreversibilidade, atendimento domiciliar a idosos, cuidados de assistência social que possam ser prestados a idosos com problemas de motricidade, mas que continuem tendo condições e o desejo de viverem sozinhos e nas suas casas. Enfim, um sem número de serviços de que ainda não dispomos, mas que assim que possíveis de serem oferecidos, aumentarão a qualidade de vida dessa população.

Os sentimentos de solidão vividos pelas mulheres idosas não precisam mais ser tão pungentes, as pesquisas mostram que, mais ainda do que a família, é o contato com as amigas o que faz a diferença e a qualidade na vivência do cotidiano dessas mulheres. Poderem sair juntas, trocarem ideias, partilharem afetos e histórias de vida, são atividades que se constituem em fonte de prazer e bem estar. Poderem contar com um companheiro/a em cuja convivência a intimidade esteja presente se torna fator de sanidade e faz a diferença na vida de mulheres idosas.

Enquanto expectativas positivas para elas, entendemos estar a possibilidade de desfrutarem de boa saúde física, de poderem contar com amigas, com a possibilidade de continuarem a viver em espaços que conhecem e em que conviveram durante boa parte de suas vidas adultas. Poderem contar com uma quantia certa, uma renda, uma pensão, a sua aposentadoria é fator determinante para a qualidade de vida, poderem usufruir de cuidados de saúde de boa qualidade e disponibilizados pela rede pública.

Ser velha é então, um processo biológico, mas também essencialmente social e cultural. É uma identidade construída, embasada em modelo estigmatizador do que é ser velho, um modelo a que esses velhos fogem: pois que velho é o outro.

Cada um usando todos os recursos de que dispõe constrói a sua velhice. Mas para uma velhice saudável há que continuar a aprender, a poder falar não para aquilo que faz mal, para as obrigações, as opiniões dos outros, para tudo aquilo que irá ferir a

liberdade, para muitas tardiamente conquistada. Poder usar o tempo disponível para tudo aquilo que dá prazer, desfrutar e compartilhar amizades, dispor de curiosidade, de interesses, de atividades que preencham seus dias, seus pequenos prazeres. Poderem, mesmo que tarde, se tornarem as reais pessoas que são.

## REFERÊNCIAS

Ariès, P. (1981). *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Koogan.

Arendt, H. (1987). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras.

Beauvoir, S. (1975). *Le deuxieme se*xe2 Paris: Éditions Gallimard. (original publicado em 1949).

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (original publicado em 1970).

Brandão, I.; Muzart, Z. (2003). *Refazendo nós:* ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Brasil. (2003). Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 1º de Outubro de 2003.

Brasil. (2005). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. Saúde Brasil 2005: uma análise da situação de saúde no Brasil / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde.

Debert, G.G. (2004). *A reinvenção da velhice:* socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesp.

Debert, G.G. (2007). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In M.M.L. BARROS. *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre idade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W.Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Goldenberg. M. (2013a). *Homem não chora. Mulher não ri*: 80 ideias para entender melhor sexo, amor e felicidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Goldenberg. M. (2013b) *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record.

Gould, J. (2007). *Fiando palha, tecendo ouro:* o que os contos de fadas revelam sobre as transformações na vida da mulher. Rio de Janeiro: Rocco.

IBGE (2007). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais-2007. Disponível em http://www.ibge.gov.br

Kalache, A. (2014). entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*, de 29 de Dezembro de 2014. Pág. 2 do C2.

Kovács, M. J. (1982). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lasch, C. (1991). *Refúgio num mundo sem coração*. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra. (original publicado em 1977).

Marracini, E.M. (2001). *Encontro de mulheres*: uma experiência criativa no meio da vida. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mercadante, E. (2005). Velhice: uma questão complexa. In C. Beltrina, E. Frohlich Mercadante, I.G. Arcuri. Velhice, envelhecimento, complex(idade). São Paulo: Vetor.

Montenegro, F. (2012). www.youtube.com/watch?v=4gcBeOqNdpU

Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. In: D. F. Schnitman (org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Pincus, L. (1989). *A família e a morte*: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Riley, L. (2014). *A rosa da meia noite.* Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito.
Veras, R.P. (1994). *País jovem com cabelos brancos*: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro; Relume-Dumará.

Winnicott, D. W. (1999). Este feminismo. In: D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa.* São Paulo: Martins Fontes. (original publicado em 1964).

Woolf, V. *Um teto todo seu*. (2014). São Paulo: Tordesilhas, 2014. (original publicado em 1928).

## EL ENVEJECIMIENTO FEMENINO: ESPECIFIDADES DE GÉNERO

**RESUMEN:** Investigación acerca del envejecimiento femenino en sus particularidades y que trata de comprender (1) cómo envejecen las mujeres y de (2) identificar sus expectativas, sentimientos y necesidades en relación a la vida cotidiana y de sus relaciones más significativas. Esta reflexión pretende apoyar las discusiones técnicas y científicas sobre el tema de la vejez de las mujeres, a fin de favorecer la instalación de programas y políticas dirigidas a esta población. El tema será abordado desde la perspectiva del psicoanálisis y de la obra de Simone de Beauvoir, que tiene una visión pesimista de la vejez femenina. Sin embargo, la contraposición de estas ideas con la de otros autores, permite concluir que, si cada uno - utilizando todos los recursos

disponibles - construye su vejez, las expectativas son más optimistas para las mujeres que tienden, hoy en día, a un envejecimiento más saludable.

**Palavras clave**: *Envejecimiento; Psicoanálisis; Mujeres De Edad Avanzada.*